


Typos slovacos do Tatra

## OS SLOVACOS

Posto que sejam apenas um dos ramos menos importantes d'essa grande familia slava, que representa por si só cêrca de um terço dos habitantes da Europa, os slovacos podem computar-se, ainda assim, em mais de sete milhões de individuos, os quaes, em grande parte, constituem a população da Moravia, da Silesia, da Bohemia e do norte da Hungria.

Os slovacos propriamente ditos, porém, são os que habitam n'esta ultima região, onde occupam um tracto de terreno de seiscentas legoas quadradas, com uma população de mais de dois milhões de habitantes.

O paiz selvatico e agreste que habitam parece ha-

ver-lhes communicado parte da sua fragosidade. Na verdade, poucas serão as regiões da Europa em que a natureza tenha caprichado tanto em apresentar um extenso panorama de quadros alpestres e magestosamente alcantilados.

A parte da Hungria habitada especialmente pelos slovacos é a cadeia occidental da grande cordilheira dos montes Karpathos, formada pelas montanhas do Tatra, tão singularmente agrupadas, que mais parecem obra de um capricho da natureza, do que resultado das evoluções successivas da crusta do globo.

Collocados a pequena distancia uns dos outros, eriçados de numerosos pincaros, varios na altura, escarpados, nus e escalvados, os cumes d'essas montanhas similham um extenso baluarte defendido por grande numero de torreões. A vista quasi se confunde ao contemplar tão singular panorama.

D'essas montanhas, algumas das quaes se elevam a 2:600 metros acima do nivel do mar, despenham-se numerosas torrentes, que vão cavando cada vez mais fundas, e tornando mais intransitaveis as escarpas horriveis que se abrem entre os rochedos gigantes. Os ventos frios do norte, vindo dos plainos immensos da Polonia e da Russia, luctam alli em perpetuo embate com os ventos quentes e sêccos do sul.

Por toda a parte, n'esta região, a natureza se mostra fragosa e selvatica.

Nos valles despovoados e quasi sem vegetação vêem-se a espaços varios lagos de aguas esverdeadas, a que os naturaes dão o nome de *olhos do mar*, e que por vezes dão causa a grandes inundações.

Com a aspereza externa condiz a pouca riqueza mineralogica d'estas montanhas. A flora não vae muito além dos pinheiros bravos e rasteiros; e o mundo zoologico tem alli representadas pouquissimas especies.

Vivendo no meio de uma região por esta fórma desprovida de todos os elementos de progresso, não admira que os slovacos da Hungria sejam, por muitos respeitos, alheios ainda ao mundo civilisado.

Obrigados a luctar com a esterilidade do solo, nem por isso desprezam elles, comtudo, o cultivo da terra, antes a este de preferencia se entregam, pondo grande desvelo no amanho dos terrenos que lhes é possivel aproveitar. A pobreza do solo e o grande atrazo dos processos agricolas explicam o facto de serem rarissimos n'esta região os proprietarios abastados. O gado que lhes serve na lavoira anda quasi sempre mal alimentado, por falta de pasto.

Se a natureza que os cérca imprimiu nos slovacos do Tatra uma certa rusticidade, não alienou d'elles, porém, a bondade do caracter. A geral pobreza em que vivem não os impede tambem de serem hospitaleiros, repartindo irmãmente com o viajante que lhes bate á porta as minguadas iguarias da sua mesa.

Posto que o Tatra seja quasi todo habitado pelos slovacos, principalmente no sul e no lado occidental, encontram-se n'estas montanhas povoações de nacionalidades variadissimas, muitas das quaes vivem quasi isoladas e sem entre si communicarem.

O maior numero dos habitantes do Tatra segue a religião catholica romana; uns 450:000, porém, são protestantes.

Levados pela necessidade de ganharem os meios de subsistencia, que não encontram nas montanhas do seu paiz, os slovacos vão procurar nas cidades do resto da Hungria occupação a que se dediquem. Não lhes faltam ellas alli, porque os habitos e o orgulho antigo de raça não consentem aos madgyares occuparem-se em varios officios e profissões, que os slovacos de boa vontade desempenham.

As mulheres slovacas seguem tambem o exemplo dos homens, e é vulgar verem-se ellas nas cidades hungaras, em bandos numerosos, exercendo os misteres de caiadoras e de ajudantes de pedreiro. Os viajantes param frequentemente para admirarem a agilidade e a afoiteza com que essas mulheres sobem e descem pelas escadas, caminham por sobre andaimes, correm pelos telhados das casas, sem mostrarem a menor hesitação, e quasi sempre rindo e cantando.

O trajo dos slovacos é simples. Compõe-se geralmente de calça branca; camisola curta, que não desce abaixo da cintura; botas de coiro presas á perna por meio de correias, e chapeo preto de abas largas. Quasi sempre addicionam a este vestuario um cinto de coiro, em que guardam o dinheiro.

O trajo das mulheres é grosseiro e sem elegancia.

Os slovacos vivem no mais completo atrazo moral e economico. Para isto contribuem, entre outras causas, a paixão que elles tem pelas bebidas espirituosas, que lhes embrutece o espirito e os torna inhabeis para se entregarem ao estudo.

A lingua slovaca pertence ao grande grupo das linguas slavas. Para os que defendem o panslavismo não é ella, porém, senão um dialecto da lingua slava. Esta embrulhada questão das linguas slavas ainda ha poucos mezes deu causa a algumas publicações eruditas e por mais de um titulo interessantes; sendo por isso pouco possivel aventurar com segurança opinião a respeito do ponto sujeito.

A lingua slovaca é principalmente conhecida no mundo litterario pelas obras de Kollar e Shafarik, ao ultimo dos quaes se devem apreciaveis escriptos sobre as antiguidades, litteratura e genealogia dos povos slavos.

T. DE C.

---

## FRUCTOS DE VARIO SABOR

### III

### AS ROSEIRAS DO AMOR

(Vid. pag. 226)

#### XV

#### FEBRE

Carlos chegou com febre. Quiz escrever logo uma carta para o Porto, mas Pedro possuia um tinteiro de chifre que tinha perdido a memoria da existencia da tinta; junto do tinteiro dormia uma penna de pato por aparar, e não havia em casa canivete nem papel. Correu-se toda a visinhança, mas, não sendo os visinhos mais ricos nem mais sabios do que o nosso pescador, resolveu o padre Manuel ir a sua casa, que era muito distante, buscar o necessario para escrever. Entretanto Pedro pediu a Maria que lhe fizesse a cama com lençoes lavados em quanto elle ia comprar pão mollete, ovos e toicinho para a ceia do seu hospede.

A febre crescia, e o doente não podia já ter-se nas pernas.

Aproximou-se da porta do quarto onde a donzella andava lidando nos arranjos do leito, e disse com voz tão doce que atravessou a alma da moça:

— O seu noivo tem um coração leal e generoso, que fôra indignidade tornar desconfiado e infamia atraiçoar. Ame-o sempre. Elle salvou-me a vida, talvez para meu tormento... porque, quando abri os olhos, a primeira coisa que vi foi o seu rosto, e os seus olhos, como duas estrellas funestas, fitados nos meus. Não sei o que se passa em mim, contra minha vontade; mas sei que me sinto ingrato para com o meu salvador. A febre que me abraza matar-me-ha talvez... Deus o queira!

Maria Palmeiro largou no chão o travesseiro que estava enfronhando e sentiu-se quasi desfallecer. O rapaz de Lisboa continuou:

— Se eu morrer, é provavel que a minha passagem por esta terra não seja assignalada por uma catastrophe; mas, quer eu morra, quer viva, a febre produz

delirios, nos quaes se revelam muitas vezes segredos que nunca deveriam saber-se. Peço-lhe, pois, Maria, que nunca desampare a minha cabeceira, e que afaste do pé de mim toda a gente nos momentos em que eu delirar. Póde ser que no meio do meu desvario eu profira palavras que façam suppor-me um infame ingrato, que não sou, nem desejo ser; e que, se fossem ouvidas pelo seu noivo, ou por quem fosse dizer-lh'as, o tornariam mau e desgraçado. Se eu fizer, pois, confissões perigosas, e se ellas offenderem os seus castos ouvidos, perdoe-as á loucura que produz a febre; e se eu não morrer, supponha que as não ouviu, porque eu, de certo, não terei depois a consciencia de as haver dito.

Maria tremia como as folhas das cannas que o vento açoitava no quintal. As phrases de Carlos Eugenio não eram completamente perceptiveis para ella; mas, com a intelligencia propria das mulheres para os negocios do coração, e com a perspicacia das camponezas do Minho, adivinhava o que não entendia claramente, e os vagos clarões de uma paixão nascente illuminavam-lhe os pontos que para outros seriam obscuros.

Pedro entrou.

— Está prompta a cama, cachopa?

— Quasi, respondeu Carlos vendo que Maria ficára ainda mais perturbada. E eu bem preciso d'ella, porque já me não posso ter de pé.

Fez-se a cama e o moço deitou-se. D'ahi a pouco chegou o padre com os arranjos para escrever. Carlos quiz dictar, mas as idéas confundiram-se-lhe, e não foi possivel expedir-se para o Porto e para Lisboa a noticia de que elle tinha escapado ao naufragio da escuna ingleza.

A febre augmentou muito ao anoitecer. O rosto do doente fez-se rubro; os labios gretaram-se-lhe como se estivessem expostos a um brazeiro; o olhar foi-se perdendo, e, de vago que era ao principio, tornou-se fixo; a pelle fez-se aspera e sêcca. Não havia agua que saciasse o doente.

Um medico da Povoa, que Pedro foi pessoalmente chamar no dia immediato, declarou que a cura era impossivel; que o doente tinha uma febre cerebral em virtude de um resfriamento subito, e que, se melhorasse, ficaria doido.

Estes espantosos diagnostico e prognostico aterraram o padre, Maria e Pedro. A moça tornou-se enfermeira assidua; desde que o doente se recolhêra á cama, ficou ella installada em casa de Pedro, onde o padre Manuel ia todos os dias duas e tres vezes.

O pescador foi gastando com medicos e medicina o dinheiro que recebêra de Carlos Eugenio. No fim de oito dias estavam consumidas as dez libras. O padre emprestou as suas economias, que tambem se gastaram; e por fim Pedro resolveu-se a ir ao mar.

N'esse dia, que era o decimo segundo da doença, houve uma crise favoravel, e o doente dormiu muitas horas.

O medico veiu, e disse que se havia operado uma revolução miraculosa; que a natureza se encarregára da cura; e que o moço estaria capaz de andar por seu pé no fim de quinze dias.

Todos se alegraram immensamente. Maria dormiu pela primeira vez depois que velava o enfermo.

A febre ia, com effeito, desapparecendo; o appetite voltava; e Carlos Ferreira pôde, em fim, dictar as suas cartas para o Porto e para Lisboa.

Maria Palmeiro, á medida que o doente recobrava forças, entristecia a olhos vista; e Pedro, que não dava por isso, ia todos os dias ao mar, deixando-a no seu posto de irmã de caridade.

Carlos affirmava que sentia vivissimo reconhecimento para com todos e não despregava os olhos dos de Maria. O medo da morte, ou a falta de consciencia do seu estado, impediram que durante a gravidade da febre elle tivesse os delirios que havia prophetisado. Mas, passado o perigo, voltou-lhe a vaidade e a velleidade de fazer uma conquista, que a sua experiencia lhe dizia desde o começo que era facil.

Uma tarde em que Pedro tinha ido á pesca e o padre para uma festa fóra da aldeia, o medico achou o doente mais agitado e receiou uma recaída.

Maria assustou-se muito, e, logo que o medico saiu, foi sentar-se á cabeceira do moço para lhe espreitar os menores movimentos. Carlos *delirou* então admiravelmente bem, proferindo muitas vezes o nome da sua enfermeira, e declarando que se mataria se não casasse com ella; dizia tambem que o seu amor era uma infame traição ao seu salvador, etc., etc.

A cachopa não cabia em si de contente! Findo o *delirio*, o artista mostrou-se muito cançado, e disse que a febre se despedíra em fórma de sezão. O facultativo, que voltava n'essa occasião, concordou inteiramente, e receitou quinino, que se não foi buscar.

Maria disse timidamente ao rapaz que elle tinha delirado; este perguntou o que tinha dito durante o delirio; a moça contou muito envergonhada tudo quanto ouvíra; e Carlos aproveitou a occasião para se declarar francamente indigno da vida, da hospitalidade e do tratamento que recebêra de Pedro.

A donzella disse tambem que não era bonito o que ambos faziam; mas que nem um nem outro tinham a culpa dos sentimentos que *Deus* lhes inspirava. O lisboeta, que não era tolo, achou melhor pôr os acontecimentos ás costas da fatalidade, e lançaram-se nos braços um do outro, chorando a desgraça que os obrigava a proceder deslealmente com um dos mais nobres e generosos individuos que tinham vindo á terra.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM.

## BENTO DE SPINOSA

(Conclusão. Vid. pag. 198)

### VI

Era Spinosa, como deixâmos dito, de compleição naturalmente debil, e mais enfraquecido pela doença consumptiva, que d'elle se apoderára com mostras de incuravel. Mas ainda que mais robusto fôra, ser-lhe-hia impossivel evitar por longo tempo os estragos resultantes de uma applicação quasi continua, e dos immoderados estudos a que se entregava, não poupando cuidados e vigilias, e arroubado sempre em suas abstracções. Assim se lhe aproximava, sem que o percebesse, o termo da existencia, para vêl-a esvair-se de todo, quando apenas percorrido pouco mais de metade do curso que a natureza parece haver assignado á vida humana.

Acerca da sua morte correram encontradas versões. Até houve quem affirmasse que elle morrêra de susto, sendo avisado em França de que o governo decretára a sua reclusão na Bastilha; e tendo por isso de fugir a toda a pressa, disfarçado no habito de frade franciscano! A falsidade d'este conto é manifesta, sabendo-se que Spinosa nunca entrára em França durante a sua vida. Outros pretenderam fazer passar como certo, que, reconhecendo seus erros, mas soberbo em demasia para retratar-se em publico, quizera ostensivamente perseverar na cegueira; recommendando nos ultimos dias com efficacia a seus hospedes, que vedassem a entrada no quarto aos ministros da egreja lutherana, ou ainda a qualquer outra pessoa que viesse com intenção de provocar discussões sobre pontos religiosos. Finalmente, inventou-se que, cançado de padecer, elle proprio apressára o seu fim, mediante o emprego de uma bebida narcotica, que intencionalmente mandára preparar para esse effeito com anticipação de alguns dias.

Todas estas asseverações estão mui longe de conformar-se com a verdade dos factos, narrada por testimunhas presenciaes, e que nenhum interesse haviam em occultal-a. Posto que habitualmente enfermo e caído em languidez, Spinosa conservou-se sempre de pé até o derradeiro dia. Mandára chamar de Amsterdam o medico Luiz Meyer, seu amigo intimo, de cuja sciencia se promettia, se não cura radical, ao menos conforto e allivio na molestia que o definhava. Ainda na tarde do sabbado 22 de fevereiro de 1677 descêra do quarto para a sala a encontrar-se com o hospede Van-der-Spyck, e com elle entreteve algumas horas em folgada conversação, fumando tranquillamente pelo seu cachimbo, como ás vezes costumava. No domingo immediato (23) esteve de manhã com a familia da casa, comeu com bastante appetite, e recolheu-se com o medico ao seu aposento quando aquelles saíram para a egreja a cumprir suas devoções. Ao voltarem do sermão, Van-der-Spyck e sua mulher souberam com o maior espanto que Spinosa não era mais que um corpo inanimado. Acabava de expirar pelas tres horas, na presença do medico, que, havendo por finda a sua missão, deu-se pressa em regressar para Amsterdam n'essa mesma tarde!

Assim terminou seus dias o nosso philosopho, tendo apenas completado quarenta e quatro annos. Tudo nos leva a crer que elle morrêra em paz, como tinha vivido.

O seu funeral realisou-se com decoroso apparato no dia 25. Concorreram a acompanhar o prestito até á egreja nova de Spuy muitas pessoas illustres da cidade; os visinhos e amigos mais particulares receberam as competentes luvas; e á volta do cemiterio foram em casa do defuncto regalados com algumas garrafas de bom vinho, segundo o costume da terra. As despezas correram por conta d'aquelle amigo de Schiedam, em quem já fallámos; o qual, reconhecido ao favor de Spinosa, que tão desinteressadamente cedêra n'elle a herança de seu irmão, prevenira com tempo Van-der-Spyck de que não satisfaria só os gastos do enterro, mas todas e quaesquer dividas que estivessem em aberto á morte do philosopho.

Varios credores se apresentaram, trazendo os seus roes de dividas, em que não é para ser tida em silencio uma circunstancia notavel. A conta do barbeiro rezava assim: «O sr. Spinosa, *de bemaventurada memoria*, deve a Abraham Kervel, cirurgião, por havel-o barbeado durante os ultimos tres mezes, a quantia de um florim e oito soldos.» A mesma saudação se repetia em outras contas. Pobre gente! Mal pensavam elles que o homem *de bemaventurada memoria* padecia áquella hora nos tormentos do inferno o justo castigo de suas impiedades!...

Procedeu-se judicialmente ao inventario do espolio do finado; e não deixaremos de satisfazer a curiosidade dos leitores que a tiverem, lançando aqui a descripção dos objectos encontrados. O seu fato, roupa de uso e mobilia consistiam em uma capa de camelão e outra de lã escura; uns calções, sete camisas, cinco lenços de assoar e dezenove gravatas brancas; um leito com seu travesseiro e cortinas vermelhas; quatro lençoes, uma colcha e um cobertor. Os adereços reduziam-se a um par de fivelas de prata, que renderam á sua parte dois florins! Havia tambem poucos livros, algumas gravuras ou estampas, muitos pedaços de vidro por polir, e outros já trabalhados, com a ferramenta necessaria para esse mister. O producto de tudo isto, que foi vendido em leilão, subiu a quatrocentos florins e treze soldos (pouco mais ou menos cento e vinte mil réis, computados os florins a trezentos e vinte réis). De certo que algum inglez ricaço, amador de celebridades, compraria hoje de bom grado por maior quantia qualquer das peças ou alfaias que entravam n'aquelle modestissimo espolio!

Deduzidas as despezas do processo e arrecadação, o resto, que foi por Van-der-Spyck consignado no deposito publico, reduziu-se a tão exigua somma, que a irmã do fallecido, Rebecca de Spinosa, tendo-se a principio apresentado como herdeira, julgou mais conveniente desistir da herança.

Quanto á sua banca de estudo, com os manuscriptos e correspondencia particular que ella encerrava, foi tudo logo após o fallecimento de Spinosa, e de conformidade com o que elle havia préviamente disposto, enviado de Haya para Amsterdam ao livreiro-impressor João Rieuwertzen.

Dando aqui por terminada a narrativa (bem que succinta, mais longa do que a principio nos propunhamos) da vida intima do nosso philosopho [1], completal-a-hemos com uma brevissima resenha dos seus escriptos, cuja analyse e apreciação deixâmos a pennas mais exercitadas.

### CATALOGO DAS OBRAS DE SPINOSA

I. *Renati Descartes principiorum philosophiæ pars* I *et* II, *more geometrico demonstratæ*. Amstelodami, apud Johannem Riewerts, 1663, in-8.º

É um bem trabalhado resumo da philosophia de Descartes, que Spinosa havia dictado em parte a um mancebo, cuja educação lhe fôra confiada. Com um prefacio de Luiz Meyer, no qual se previne o leitor de que Spinosa não dá n'esta obra os seus proprios pensamentos, mas sim os de outrem.

II. *Tractatus theologico-politicus*, etc. Hambourg, apud Henricum Kiinrat (aliás Amsterdam, por Christovão Conrad), 1670, in-4.º de 233 pag.

Proscripto apenas viu a luz publica, este livro, que deve considerar-se como a primeira obra original de Spinosa, só pôde correr clandestinamente e á sombra de titulos falsos, taes como: *Danielis Heinsii operum historicorum collectio prima*. Lugduni Batavorum, 1673, in-8.º de 334 pag. — *Fr. Henriquez de Villacorta M. Doct. Opera chirurgica omnia*, Amstelodami, 1673, in-8.º — *Franc. de la Boe Silvii Totius medicinæ idea nova*, ibid., 1673, in-8.º — Foi traduzido em francez, segundo uns, pelo medico Lucas, ou pelo capitão de Saint-Glaise, segundo outros, apparecendo primeiramente com o titulo: *La clef du sanctuaire, par un savant homme de notre siècle*, Leyde, 1678, in-12.º de 531 pag. Depois foi este titulo substituido pelos seguintes: *Traitté des cérémonies superstitieuses des juifs tant anciens que modernes:* Amsterdam, 1678. — *Reflexions curieuses d'un esprit des-interressé* (sic) *sur les matieres les plus importantes au salut, tant public que particulier:* Cologne, 1678. As tres não formam mais que uma só e unica edição da obra, em que apenas a primeira folha se imprimiu diversamente.

Saíu ha pouco do mesmo *Tratado* uma versão ingleza, que ouvimos classificar de *excellente*. Impressa em Londres, 1862, in-8.º

Não publicou Spinosa em vida mais coisa alguma. Os seus escriptos posthumos appareceram no proprio anno em que falleceu, impressos por diligencia do livreiro Rieuwertzen, e sob o cuidado e vigilancia de dois amigos do philosopho, o medico Luiz Meyer e Jarig Jellis, com o titulo seguinte:

III. *B. D. S. Opera posthuma, quorum series post præfationem exhibetur*. 1677, sem indicação de logar, in-4.º Comprehendem-se n'este volume: 1.º *Ethica more geometrico demonstrata*, que é de todas as obras a mais importante; 2.º *Tractatus politicus*, destinado a expor sob outra fórma as idéas do *Tractatus theologico-politicus;* 3.º *Tractatus de emendationem intellectus*, não chegado a completar, e onde se acham as

[1] Entre os que positivamente dão Bento de Spinosa como nascido em Portugal, lembrâmos tambem o nosso erudito poeta e escriptor polygrapho, Francisco de Pina e de Mello, no seu *Triumpho da religião*, impresso em Coimbra, 1756, a pag. 14.

idéas do philosopho ácerca do entendimento humano, e do methodo em geral; 4.° *Epistolas*, em numero de setenta e quatro, sendo umas de Spinosa, outras de seus amigos e discipulos; 5.° *Compendium grammatices linguæ hebreæ*, que offerece pouco interesse.

Spinosa compozera primeiramente a *Ethica* em hollandez. Este ensaio, que andava extraviado, foi ultimamente impresso em Amsterdam, 1859, in-8.°, com algumas cartas inéditas, e uma nova biographia feita por um contemporaneo. Mr. van Vioten publicou tambem na mesma lingua, em 1862, varias producções, até então inéditas, de Spinosa: o *Tratado de Deus e do homem*, o do *Arco celeste*, etc. A traducção hollandeza do *Pentateuco*, que este havia concluido, segundo se affirma, foi por elle proprio lançada ao fogo, poucos mezes antes da sua morte.

Conhecem-se das obras de Spinosa tres edições: a 1.ª do professor Paulus, Jena, 1802-1803, 2 vol. in-8.° gr.; 2.ª a de Gfroerer, Stuttgart, 1830, in-8.°; 3.ª a de Bruder, Leipzig, 1843-1846, 3 vol. in-16.°

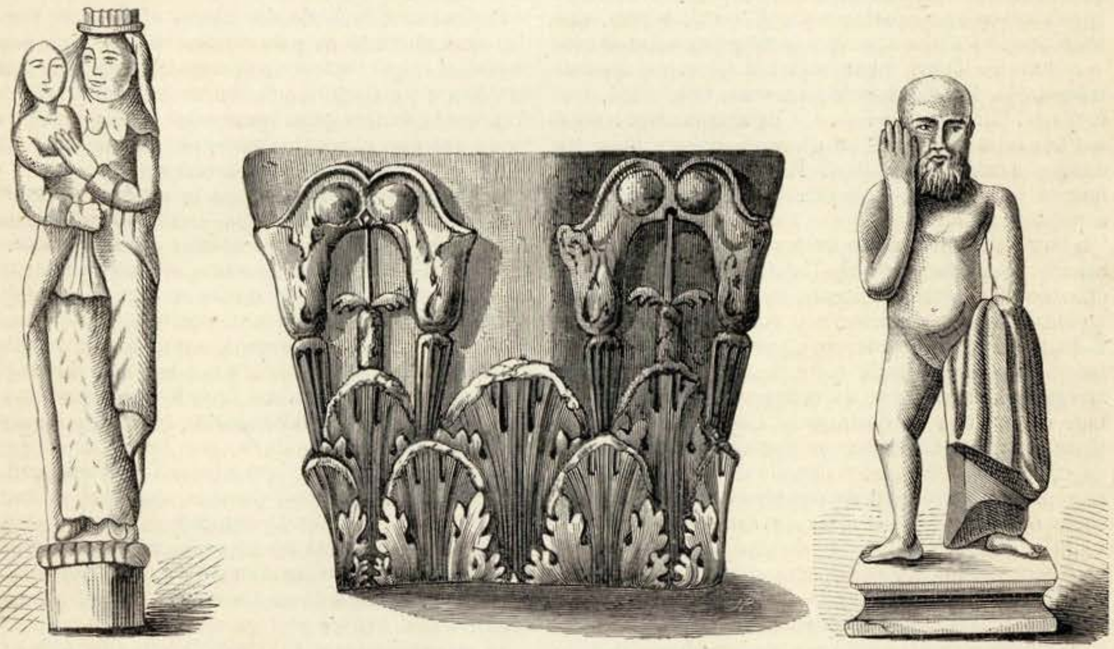
Quanto a traducções, existem, que nós saibamos, a de Auerbach em allemão, impressa em Stuttgart, 1841, 5 vol. in-16.°; e a de E. Saisset, Paris, 1842, 2 vol. in-18.° (edição Charpentier), e mais augmentada e correcta, ibid., 1861, 3 vol. in-8.° gr. Ha tambem uma versão em separado do *Tractatus politicus*, por Prat, Paris, 1860, in-18.° INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

## O MUSEU DO BISPO DE BEJA

(Vid. pag. 168)

IV

D. Fr. Manuel do Cenaculo deixou inédita uma obra, conhecida dos bibliographos, que se conserva na bibliotheca publica de Evora. Intitula-se *Sisenando Martyr — Beja sua patria*. A biographia que escreveu do santo accrescentou a historia da cidade, com muitas informações curiosas de suas antiguidades. As noticias que n'estes artigos damos dos objectos do museu são, pela maior parte, extrahidas d'aquelle manuscripto.



Objectos do museu do bispo de Beja

Com relação ao primeiro dos objectos representados na gravura, o qual se guarda na bibliotheca, diz o illustre prelado que é a Isis egypciaca, enfaixada, como as mumias, desde os pés até ao pescoço, e que foi encontrada na freguezia de Peroguarda, tres legoas distante de Beja.

A gravura representa esta antigualha de cobre no tamanho natural. É um homem e uma mulher abraçados, cujos corpos se distinguem melhor pela parte posterior. O primeiro tem uma especie de barrete na cabeça, e a segunda um objecto á maneira de leque apertado na mão.

O todo faz lembrar, com effeito, as figuras de Isis e Osiris, de que os antiquarios dão estampas muito diversas e numerosas, ora separados, ora abraçados.

Como o culto d'estas divindades se espalhou do Egypto por muitos povos da antiguidade, entre outros pelos phenicios, celtas, e até por alguns dos septentrionaes que invadiram o imperio romano, é de crer que um d'elles deixasse esta reliquia no territorio de Beja. Qual fosse não o sabemos nós dizer. Entretanto, convem advertir que na bibliotheca de Evora se conservam algumas espadas, cabras e outros objectos de cobre de mui tosco lavor, encontrados em varios sitios da diocese de Beja, e que pertenceram talvez, na mesma edade, ao mesmo povo.

O fragmento que se segue na gravura é de um capitel romano.

A decadencia da architectura e da esculptura em Portugal no primeiro quartel d'este seculo já fez logar a que alguem aventasse a supposição de que os capiteis corinthios do templo de Diana, em Evora, fossem trazidos de Athenas ou de Roma no tempo de Sertorio. Custava a confessar que a arte tivesse attingido alto grau de perfeição e opulencia onde dezoito seculos depois decaíra em miseravel pobreza. Fazia vergonha reconhecer que o estado de Portugal, n'este ponto, era de barbarie em relação ao da antiga Lusitania durante a dominação romana.

Tudo, porém, nos leva a crer que os capiteis do templo de Diana foram lavrados em Evora, e que a architectura e a esculptura em nenhuma outra epocha floresceram tanto como n'aquella, a não ser no reinado de D. Manuel.

De feito, na herdade da Coberta, pouco distante d'esta cidade, e n'outras partes, se tem encontrado marmores lavrados, mosaicos e outros vestigios da

excellencia e perfeição do trabalho dos artistas da Lusitania sob o imperio dos romanos. Ha pouco tempo que no Porto se vendeu por cincoenta libras um tumulo de boa esculptura, achado por um lavrador de Reguengos no districto de Evora.

Em Beja appareceram muitos capiteis e fragmentos de estatuas que se conservavam no museu Sisenando, e que egualmente provam o que dizemos. Affirma o benemerito collector na obra citada que os romanos tinham erigido a Tiberio um templo, cujas «columnas magnificas» víra soterradas na rua de Aljustrel. Do templo de Serapis achou tambem uma inscripção que fazia parte do museu.

Encontrou demais numerosos capiteis de diversas ordens de architectura, alguns de cinco palmos de diametro, outros menores. A estes ultimos pertence o que representa a gravura.

Na quinta da Sempre-noiva, junto de Arrayolos, vimos tambem um capitel de marmore de grandes dimensões, bem esculpido, que nos pareceu romano. Ignorâmos a sua proveniencia. É certo, porém, que ha n'aquelles sitios abundancia de reliquias romanas.

A terceira figura representa um Hercules, na opinião de D. Fr. Manuel do Cenaculo. O original, que está na bibliotheca de Evora, é de agatha, tem o mesmo tamanho que se vê no desenho, e foi achado em campos proximos de Beja. Pende-lhe do braço esquerdo um objecto, que parece antes roupagem que a pelle do leão.

«Outro Hercules, diz o auctor da obra mencionada, achado na freguezia de S. Theotonio, junto ao mar e cabo Sardão, n'este occidente litoral, visinho do promontorio Sacro, confirma seu culto n'este territorio. É de barro preto e duro, na figura de menino assentado sobre a enroscada pelle das serpentes que lhe arremessou Juno para o devorar no berço. Elle as matou, e em cima do destroço está zombando, pois de entre as perninhas saem as pontas da farpada pelle da cabeça despedaçada. O menino está rindo para ella com prazer, á maneira da complacencia com que Hesiodo ou quem é o escriptor do *Escudo de Hercules*, v. 115, descreve este heroe delicioso pelo convite de combater com o filho de Marte: *Arrisit autem fortis Hercules animo delectatus.*»

D'esta reliquia, que se perdeu, conserva-se o desenho na collecção respectiva á obra inédita a que alludimos.

A. Filippe Simões.

## REIS D'ARMAS, ARAUTOS E PASSAVANTES

(Conclusão. Vid. pag. 214)

### III

### PASSAVANTES

O ultimo dos tres officiaes da armaria é o passavante. Deu-se-lhe este nome porque, considerado como aprendiz no officio das armas, ao cabo de sete annos, que é obrigado a servil-o n'este cargo, passa a arauto logo que haja vagatura, e depois, por egual motivo, a rei d'armas.

É antiquissima tambem a origem d'este cargo. Parece que teve principio sob o governo do imperador Carlos Magno. Veiu para o nosso paiz da corte de Inglaterra, juntamente com os outros cargos de arauto e rei d'armas.

Consistiam as principaes obrigações dos passavantes em estudar tudo quanto pertencia aos officios de arauto e rei d'armas, a fim de se habilitarem a desempenhal-os quando para elles fossem nomeados. Não era tão pequeno trabalho similhante estudo como a muita gente se afigurará. A heraldica, ou sciencia dos brazões; o conhecimento das familias nobres de Portugal e suas possessões; e a formação das suas arvores genealogicas, que estavam incumbidas aos reis d'armas, eram estudos complicados e difficeis, e que demandavam séria applicação e arduas investigações.

Além d'estes deveres, tambem cumpria aos passavantes, em occasiões de guerra, seguir os exercitos, ao lado dos outros officiaes da armaria, e acompanhar os arautos nas missões a que el-rei ou o general em chefe os enviava; em tempos de paz, a assistir ao soberano nas solemnidades a que eram chamados os officiaes da armaria; e a andar por varias terras e reinos, segundo el-rei lhes determinava, em observação dos usos e costumes dos differentes povos, para, no seu regresso á corte, dar miuda informação de quanto viram.

Ha quem pretenda que d'este ultimo encargo é que lhes provém o nome de passavantes, isto é, andar de terra em terra, sempre com pouca demora, e a *passar ávante*. Porém a melhor opinião é a que deriva este nome de ser concedida a taes officiaes melhoria de posição, *passando ávante* de um cargo inferior para outro mais superior.

Já dissemos, fallando dos outros officiaes da armaria, que são tres os passavantes, e se denominam: Santarem o que pertence a Portugal; Lagos o do reino do Algarve; e Cochim o pertencente á India; pois que eram estas as tres principaes villas dos tres reinos ao tempo em que el-rei D. Manuel deu regimento e nova organisação aos officiaes da armaria.

Celebrava-se a ceremonia da investidura ou baptismo dos passavantes na mesma fórma, salvas pequenas differenças, usada com os arautos e reis d'armas. O principal d'estes ultimos introduzia o novo passavante na presença del-rei, que estava sentado no throno e cercado dos officiaes-móres da sua casa. O passavante não trazia insignia alguma do cargo que ia receber. Ajoelhando aos pés del-rei, e pondo a mão direita sobre o livro dos evangelhos, que lhe era apresentado pelo mesmo rei d'armas conductor, proferia o seguinte juramento:

«Fulano, passavante, juro a estes santos evangelhos nas mãos de Fulano, rei d'armas, que bem, e verdadeiramente, e com todo o cuidado e diligencia aprenda todo o que necessario for ao nobre officio das armas, para que dignamente possa passar, e ser accrescentado ao officio de arauto e de rei d'armas, quando el-rei nosso senhor d'isso houver por seu serviço de me prover.

«E assim juro em todo o que pelo dito senhor, e por aquelles que para elle seu logar tiverem, me for mandado, que de meu officio de passavante faça, e farei toda a fidelidade, cuidado e diligencia, assim como devo e sou obrigado fazer ao serviço de meu rei natural e senhor.»

A copa ou taça com agua, que o copeiro-mór entregava a el-rei para o baptismo, era de prata branca e sem tampa. Depois do soberano lhe ter deitado a agua pela cabeça, e imposto o nome da principal villa do reino de que ia ser passavante, o rei d'armas que o introduzíra na sala vestia-lhe a cota, porém atravessada, e punha-lhe no peito o brazão d'armas do respectivo reino, sem coroa, e no lado esquerdo, para differença dos arautos, que o trazem no lado direito. Feito isto, seguia-se o beija-mão, acabado o qual o copeiro-mór ia offerecer ao novo passavante a taça de prata que servíra para o baptismo.

Existem ao presente os tres passavantes com os mesmos nomes de Santarem, Lagos e Cochim; porém as suas funcções estão limitadas a comparecer nas grandes solemnidades da corte, tomando o logar que lhes pertence junto aos arautos e reis d'armas. Nos prestitos reaes vão adiante os passavantes, depois os arautos, e em seguida os reis d'armas. A cota dos passavantes é egual á dos arautos, com a differença de a trazerem aquelles atravessada.

A ceremonia da investidura ou baptismo caíu em desuso ha longos annos.

I. de Vilhena Barbosa.

## VILLA DA POVOA DE VARZIM

(Vid. pag. 231)

IX

Das edificações ou obras chamadas publicas, que existem na villa da Povoa de Varzim, ainda nos resta fallar do hospital e do cemiterio; e não os juntâmos n'este capitulo por ligarmos, como epigramma pungente, á santa idéa de um a lugubre idéa do outro, senão porque, philosophicamente, andam bem ao par a miseria do hospital e a miseria do tumulo.

Deram origem ao hospital duas calamidades occorridas nos primeiros annos do presente seculo: a fome padecida pelos desgraçados pescadores em 1811, por effeito de continuada e horrorosa invernada, e a epidemia que se lhe seguiu.

Sendo impossivel acudir a tamanha desgraça e a tão crescido numero de enfermos com um facultativo de partido, que a municipalidade nomeára havia tres annos, e convindo separar os que iam caindo fulminados pela epidemia em logar apropriado para limitar o desenvolvimento da doença, a camara pediu e obteve licença para estabelecer um hospital provisorio, cedendo para isso, por não ter outra casa, uma parte do edificio em que funccionava. Effectivamente, o primeiro hospital da Povoa de Varzim foi o que se instituiu em uma sala dos paços do concelho, de que tratámos no capitulo anterior.

Em tal local, não podia, comtudo, subsistir um estabelecimento pio regularmente montado; por isso a camara municipal tratou para logo de representar ao sr. D. João VI ácerca da conveniencia de estabelecer definitivamente um hospital na villa, e de examinar terreno para esse fim. A representação foi bem acolhida, e em pouco tempo desceu ordem para se começarem as obras; mas, sendo esta lavrada em 1819, só passados sete annos é que se inauguraram os trabalhos, e isto mesmo foi devido ao zelo do benemerito povoense José Antonio Alves Anjo, que o auctor das *Memorias historicas* cita com particular consideração, porque, para se conseguir o acabamento do hospital, tambem dispendeu alguma coisa dos proprios bens.

Começado o hospital em 1826 no local em que hoje o vemos, a solemnidade da abertura verificou-se, a final, em 29 de junho 1835, passando n'esse dia para o novo edificio os enfermos que existiam no hospital provisorio da camara municipal.

A administração do hospital pertence á irmandade da Misericordia da Povoa de Varzim, e, em conformidade com a provisão de 1826, tem como adjuntos dois vereadores do mesmo concelho.

Além do referido Alves Anjo, muito contribuiram para a fundação do hospital os prestantes cidadãos João Francisco Nunes e Bernardo José da Silva, que alli empregaram esforços e cabedaes.

O edificio do hospital é de regular construcção. Tinha seis enfermarias espaçosas, bem ventiladas e bastante aceiadas; mas, ainda não ha muitos annos, estabeleceu-se mais outra, sob o titulo de S. João, e a expensas de um caridoso bemfeitor, o sr. João Antunes Guimarães, natural da freguezia de S. Salvador de Donim, do concelho de Guimarães. Este philanthropico cidadão mandou preparar convenientemente a dita enfermaria, e contigua a ella destinou uma pequena sala para se recolherem os enfermos particulares que, mediante o preço estabelecido no regulamento do hospital, por falta de familia ou por qualquer necessidade da doença, alli fossem procurar abrigo para se tratarem. Depois d'estes importantissimos melhoramentos, realisados, como dissemos, á sua custa, o mesmo sr. Guimarães presenteou o hospital com doze cadeiras de mogno, doze camas de ferro, doze biombos, doze mesas de cabeceira, uma pequena commoda de mogno, quatro globos de vidro para luzes, e um altar, ou oratorio, com crucifixo e quatro castiçaes grandes de madeira.

Está situado o cemiterio publico, ha pouco tempo concluido por conta da camara municipal, a léste do hospital, e separado d'este pio estabelecimento pela nova estrada que segue da Povoa de Varzim para Barcellos.

A escolha do terreno para o eterno repoiso dos que se vão finando parece que não foi mui acertada, pois ha quem supponha, por sem dúvida com bons fundamentos, que seria mais apropriado e conveniente que se tivesse procurado local mais distante do hospital e fóra da correnteza do vento norte, predominante na villa, como prevenção hygienica. Ao nascente da povoação, onde não faltam bons terrenos, de certo que a escolha seria mais conforme com os preceitos sanitarios; e o local em que está hoje o cemiterio devia antes ser destinado para um passeio publico, com o que, sobre tudo, se alegrariam os miseros habitadores do hospital, que, de outro modo, tem, para assim dizel-o, constantemente diante dos olhos o tristissimo espectaculo da morte.

O cemiterio fórma um quadrilongo com a superficie de 4:536 metros quadrados. Deixando por este melhoramento de ser enterrados os cadaveres nas egrejas da villa, as principaes e mais abastadas familias fizeram alli acquisição de terrenos para construirem jazigos, dos quaes se contam sete já acabados (sendo quatro de marmore e tres de granito) e quatorze em via de construcção.

Tem o cemiterio cinco marcos fontenarios, que recebem agua do chafariz que lhe fica proximo. E no largo, onde fica a entrada do cemiterio e o chafariz, a municipalidade resolveu que se formasse uma lameda, cujos trabalhos de terraplanamento começaram o anno passado.

O primeiro enterramento que se fez no cemiterio publico foi a 11 de setembro 1866, dando-se á terra o cadaver de José Antonio Fernandes Campos, proprietario, capitalista, cavalleiro da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo e antigo administrador do concelho da Povoa de Varzim. Segundo o nosso zeloso informador [1], o dito sr. Fernandes Campos declarára em sua vida «que queria, quando fallecesse, ser enterrado em cemiterio sagrado; e assim succedeu, desapparecendo com este exemplo o pernicioso costume dos enterramentos nos templos da villa.»

Desde o indicado dia até 11 de dezembro 1867, ou no lapso de quinze mezes completos, sepultaram-se 77 cadaveres de pessoas maiores e 218 de menores edades.

Visto que nos referimos ao chafariz que existe junto do cemiterio, no largo chamado das Dores, cuja capella ahi está situada, não concluiremos este capitulo sem dizer que a villa da Povoa conta já hoje, além d'aquelle, mais tres chafarizes, os quaes são: um na praça do Almada, outro no largo de S. Roque e outro na rua do Bandeira [2]. Attendendo, porém, ao extraordinario desenvolvimento da população, que fica antecedentemente notado, é natural que alguma camara municipal se lembre das necessidades dos seus municipes, mandando construir mais dois chafarizes, um ao sul, proximo da egreja da Lapa, e outro a oeste, junto da capella de S. José.

(Continúa)

BRITO ARANHA.

[1] O sr. Manuel Luiz Monteiro Junior, já citado.

[2] Em 1852, o auctor das *Memorias historicas* citadas, mencionando a existencia de um só chafariz n'aquella epocha, lastimava não se ter aproveitado a agua que se podia ir buscar a alguns centos de metros de distancia, em logar onde ella corria abundante e de boa qualidade. Vê-se, porém, pelo que deixâmos escripto no texto, que as municipalidades, depois de 1852, não se esqueceram de tão urgente necessidade do povo, e acudiram-lhe como poderam.

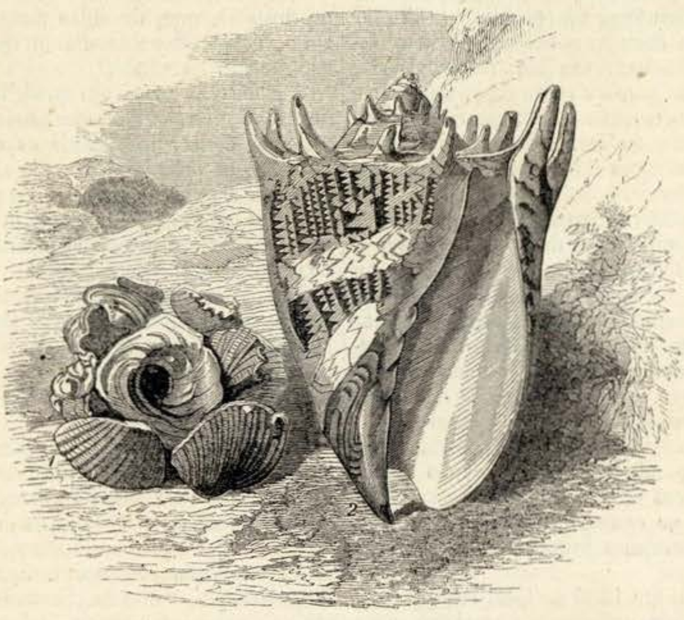
## VOLUTA IMPERIAL E PINHOLA GLUTINOSA

Sob a denominação de *voluta* estabeleceu Linneo um genero de molluscos, de concha unialve, tendo por principal caracteristico a columnela cavada em pregas. Era assim copiosissimo em especies, porém alguns naturalistas mais modernos, e principalmente Lamarck, que mui zelosamente se entregou ao estudo dos molluscos, achando em varias d'aquellas especies caracteres muito differentes entre si, reconheceram a necessidade de reformar aquella classificação, separando d'ella diversas especies, com que reduziram o genero voluta.

Apesar d'esta reforma, ainda o genero voluta ficou rico de especies formosas, como, entre outras, a que se vê representada em a gravura junta.

Esta concha, que a sciencia denomina *voluta imperialis*, e que os amadores designam pelos nomes de *coroa chineza* ou *coroa imperial*, é mui linda, tanto pela sua fórma esbelta, como pelas côres vivas e engraçados desenhos que ostenta sobre uma superficie lisa e lustrosa como a mais fina porcelana. Adornam-lhe a parte superior uns circulos de bicos, largos na base e aguçados na ponta, que a cingem como diadema, e, diminuindo em tamanho, lhe vão guarnecendo a espira, que é baixa e obtusa. A côr geral da concha é de um alaranjado mui desvanecido, com umas faxas transversaes mais claras, fazendo aquella e estas fundo a uma infinidade de desenhos em ziguezagues de côr acastanhada clara. Quanto ao tamanho da concha, diremos que possuimos uma que tem o dobro da altura da que está figurada em a nossa gravura; e é este o maximo, ou quasi o maximo, do desenvolvimento que attinge.

O animal, constructor e habitante de tão formosa morada, tem a fórma oval, a cabeça grande e bem distincta, tentaculos mais ou menos triangulares, com os olhos situados um pouco atraz da sua base, e a boca provida de uma especie de tromba bastantemente



1 Pinhola viscosa — 2 Coroa imperial

espessa. Quando sae da concha trasborda d'ella por todos os lados, servindo-se de ponto de apoio, e de principal instrumento motrix, quer se arraste na praia, quer nade no mar, de uma cauda ou pé mui largo, e com varias pregas na parte dianteira.

Encontram-se volutas em diversos mares; mas a especie de que nos occupâmos habita no oceano Indico.

---

Dá-se entre nós o nome de *pinhola* ás differentes especies de um genero de molluscos, que os naturalistas denominam *trochus*, e que, em geral, tem a fórma mais ou menos parecida com uma pinha. Entretanto, a especie de que vamos fallar é, d'entre todas, talvez a que menos apresenta uma tal similhança.

As pinholas são conchas ou buzios orbiculares, de feição conica, com a ponta aguda em umas especies e obtusa n'outras, e com a base achatada, e a um lado a abertura por onde sae o mollusco.

Vivem estes animaes em quasi todos os mares, e em bastante proximidade da praia, procurando abrigar-se nas cavidades das rochas. D'alli os arrancam as ondas facilmente, deixando-os ficar em sêcco na praia, não só nas occasiões de temporal, mas até no proprio crescimento da maré.

Nas costas do nosso paiz habitam varias especies d'estes molluscos; todas de concha pequena, e algumas agradavelmente matizadas com pintas côr de pinhão e roxas, e tambem alvadias.

A especie representada em a nossa gravura com o n.º 1 é das menos bonitas, mas, em compensação, é das mais singulares, não diremos pelo feitio, em que bastante se differença das suas congeneres, mas sim pela propriedade de fazer adherir ao dorso pegajoso da sua concha muitos corpos pequeninos, que assim ficam tão solidamente unidos, quasi como se por sua natureza fizessem parte da concha. Esses corpos são diversas substancias, segundo os logares habitados pelo mollusco, taes como pequenas conchas, ou fragmentos de conchas, e de polypos, pedrinhas, etc. Em razão d'esta propriedade pegajosa, Linneo denominou-o *trochus agglutinans*. Porém o naturalista Montfort entendeu conveniente separal-o do genero *trochus*, o que realisou, constituindo-o typo de um genero novo.

Vivem estes molluscos no Mediterraneo, no oceano Indico e no mar das Antilhas. Apesar de não se recommendar a sua concha por elegancia de fórmas, nem por belleza de côres, e não obstante ser mais vulgar que rara, é procurada e muito apreciada pelos amadores de conchiologia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31